

BULLYING E A CONVIVÊNCIA HUMANA

A filosofia antiga grega definia o homem como um animal social. Se somos seres sociáveis, a convivência com o próximo e as suas particularidades fazem parte do nosso existir humano. A convivência, portanto, nos caracteriza como pessoa humana.

No entanto, conviver nem sempre é fácil. Traz consigo muitos desafios. Para isso é preciso compreender o outro, e esta tarefa não é algo automático. Trata-se, desde o início, ou seja, desde a infância, para estender na idade adulta, de saber acolher a personalidade, as atitudes, a forma e a individualidade de cada pessoa.

Deveria ser um processo natural do ser humano, do seu amadurecimento, de sua forma de convivência coletiva e pacífica, sobretudo no que tange à individualidade de cada pessoa, da particularidade de sua personalidade e do seu papel no mundo. Mas nem sempre isso ocorre entre nós. Na idade adulta ainda temos um comportamento bastante infantilizado.

Entre a ação de aceitar o outro e a possibilidade de conviver de forma amigável, surgem as diferenças e os comportamentos mais estranhos. A esses comportamentos estranhos nós chamamos de *bullying*.

O que é o *bullying*? Não há uma palavra exata em português que a descreva ou defina. Vem da palavra inglesa *bully*, que normalmente se traduz em português como “valentão”. Mais que descrever conceitos, queremos compreender o significado, ou melhor, suas consequências na convivência social e humana. Trata-se, portanto, de abusos físicos e psicológicos de um agressor contra sua vítima.

Interessante perceber que até a década de 1970 não se tinha essa compreensão do *bullying*, aliás, nem se utilizava esta expressão. Não era, portanto, interpretado como violência este tipo de comportamento. Era algo que fazia parte das relações sociais e do amadurecimento da idade infantil. Visto até mesmo como uma “brincadeira de criança”, estes comportamentos envolviam apelidos, boatos, ameaças, críticas, isolamento e às vezes agressão física. Mas nada disso era visto como um problema a ser combatido. Pelo contrário, a vítima, por assim dizer, fazia destes comportamentos um “estímulo” para ser melhor, para agir melhor e conviver melhor.

Mas o que era uma “brincadeira de criança” se intensificou e transformou-se em violência, algo intolerável pela sociedade, ainda que seja uma prática comum e constante. Hoje não se tolera nem como uma brincadeira de mau-gosto, afinal o *bullying* ultrapassa os limites psicológicos e físicos. A vítima se sente impotente diante desta situação e se recua, não acha nada divertido nisso.

No convívio social e na internet o *bullying* rola solto, fazendo cada vez mais vítimas. Mas mesmo pela internet não fica só no virtual. Ela atinge a vida das pessoas e traz graves consequências sociais e psicológicas. Por isso há que ter atenção ao que se posta nas redes sociais, para não atingirmos e sermos atingidos.

Certamente, por vivermos em sociedade, haverá momentos em que as opiniões serão adversas, nem sempre coletivas e até desentendimentos acontecerão, mas isto não poderá ser uma constante e nem dificultar a convivência. Não se pode ter a intenção de ferir ou magoar o outro, de desrespeitar ou difamar a outra pessoa. A ação discordante não pode romper com uma relação de amizade, de afeto, seja social, familiar ou profissional.

A convivência social e familiar não é harmoniosa por todos pensarem e agirem do mesmo modo. A harmonia se dá na relação com o diferente. E por ser diferente também pensa e age distintamente, mas não pode no que é distinto ser causa de desprezo, ofensa ou rompimento de uma relação, pois o que nos define como seres humanos é exatamente nossa capacidade de relação, o que os antigos já sabiam e cultivavam. Resta à nossa modernidade aprender com eles e juntos buscarmos uma nova maneira de viver e conviver socialmente.